



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS - III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS**

**ANA HELOIZA KARINE RAMOS DE ANDRADE**

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**GUARABIRA**

**2017**

**ANA HELOIZA KARINE RAMOS DE ANDRADE**

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.  
Área de concentração: Letramento e ensino.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

**GUARABIRA**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553e Andrade, Ana Heloiza Karine Ramos de.  
O ensino de língua inglesa na EJA [manuscrito] : uma experiência a partir do estágio supervisionado / Ana Heloiza Karine Ramos de Andrade. - 2017.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Ensino. 2. Língua Inglesa. 3. EJA. 4. Estágio Supervisionado.

21. ed. CDD 420

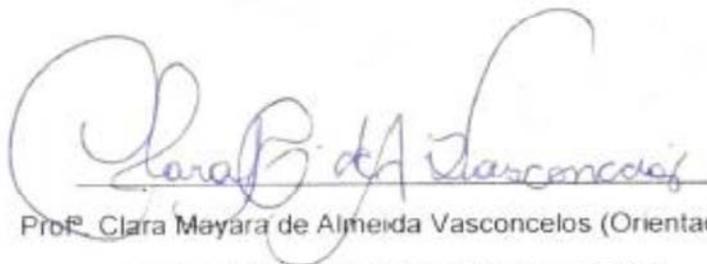
O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA COM O ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO

Artigo apresentado ao Departamento de Letras, Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Letramento e ensino.

Aprovada em: 06/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

---

Prof.ª Dr.ª Francinete Fernandes de Sousa (1ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Esp. Karla Valéria Araújo Silva (2ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais Manuel Janio Ramos de Andrade e Josefa Josenilda Silva de Andrade meus maiores exemplos de vida e ao meu esposo Kaio Alberto Ribeiro da Silva pelo companheirismo e paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a Deus, pois sem Ele eu nada seria, Ele é minha fortaleza, minha base e quem me dá força e capacidade de seguir em frente na caminhada da vida.

Aos meus pais Manuel Janio Ramos de Andrade e Josefa Josenilda Silva de Andrade, e aos meus irmãos João Paulo Ramos de Andrade e Jonas Lamberto Ramos de Andrade que sempre contribuíram da melhor forma possível para minha formação pessoal e profissional, sempre me incentivando em busca dos meus sonhos e objetivos, eu amo vocês!

Ao meu esposo Kaio Alberto Ribeiro da Silva, que esteve ao meu lado durante todo esse tempo, obrigado pelo amor, compreensão, paciência e apoio e a minha filha Valentina Ribeiro de Andrade que mesmo sem saber já é minha maior motivação para seguir em frente.

A minha orientadora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, que com toda sua paciência, apoio e incentivo fez com que fosse possível a realização deste trabalho, serei eternamente grata!

Aos meus amigos da turma Letras Inglês 2013.1 que sonharam junto comigo, e por muitas vezes me ajudaram a não desistir, obrigado pela amizade durante essa longa jornada, os levarei para sempre comigo!

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

E a todos que contribuíram de todas as formas para que esse sonho pudesse torna-se realidade, meu muito obrigado!

“Onde quer que haja mulheres e homens, há  
sempre o que fazer, há sempre o que ensinar,  
há sempre o que aprender.”

*(Paulo Freire)*

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	08
2.	O CONTEXTO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL.....	09
3.	O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA.....	13
4.	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE .....	15
5.	O ENSINO DO INGLÊS NA EJA: UM OLHAR A PARTIR DO ESTÁGIO DE REGÊNCIA.....	17
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

## O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ana Heloiza Karine Ramos De Andrade

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o ensino de Língua Estrangeira na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com foco na Língua Inglesa, sua importância e a sua relação com a formação de professores de Língua Inglesa por meio da prática de ensino através do estágio supervisionado. Será abordado o contexto histórico da EJA no Brasil, desde o seu surgimento até os dias atuais. Levantaremos inclusive uma breve discussão sobre o Estágio Supervisionado e sua importância para a formação docente, o que nos levará a refletir sobre as aulas realizadas, com a finalidade de avaliar o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa na EJA, assim como o perfil dos alunos e o que os levaram a optar por essa modalidade de ensino. Para a realização deste estudo optou-se pela utilização de uma pesquisa qualitativa, e também de cunho de revisão bibliográfica utilizando as contribuições de Celani (1996), Fávero (1992), Franco (2012), Ghiraldelli Jr. (2008), Moura (2011), Soares (2002) e Tardif (2005), entre outros aos quais recorreremos nas discussões a serem desenvolvidas neste artigo.

**Palavras-chave:** Ensino. Língua Inglesa. EJA. Estágio supervisionado.

### 1. INTRODUÇÃO

Quando se fala de Língua Estrangeira na EJA, logo nos vem à mente que é um componente curricular obrigatório presente na grade curricular, isso quase todos sabemos. Porém quando se trata de como surgiu a EJA, como e quando a língua estrangeira passou a ser obrigatória, pouco conhecem.

O ensino da língua estrangeira na educação básica pública é algo desafiador. Torna-se a cada dia mais notável o número de alunos desmotivados na EJA, e quando se diz respeito ao estudo de Língua Inglesa então, o número cresce, “mas de quem estamos falando?”, “Qual a sua realidade social?” E, principalmente, “como foram suas experiências anteriores de ensino?”, Para descobrirmos um pouco mais sobre essa falta de motivação é interessante analisarmos também o perfil desse aluno.

Com o passar dos anos, muitos alunos estão optando pelo ensino da EJA ao invés do ensino regular, e parte deles são cada vez mais jovens. Muitos fazem essa escolha, pois precisam trabalhar, outros porque já passaram da idade proposta

pelo ensino regular e um dos principais motivos: pela rapidez de conclusão dos estudos.

Nosso objetivo é entender como todo o processo de ensino da língua inglesa acontece, como é a didática do professor em sala e a maneira como a aula é conduzida. Para isso falaremos do contexto histórico da EJA no Brasil, em seguida abordaremos também como acontece o processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa, através do relatório de estágio e da experiência de ensino na EJA, para que possamos compreender mais como se dá a relação aluno/professor e, também, a relação teoria e prática.

## **2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL**

A Educação para Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de ensino oferecida na rede pública do Brasil, tendo como objetivo desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade de concluir seus estudos.

Para compreender como surgiu a EJA no Brasil temos que voltar ao tempo da colonização e do império. Os primeiros a introduzirem a educação no período colonial foram os jesuítas que, por sua vez, tinham como objetivo não só passar os conhecimentos escolares em si, mas sim a propagação da fé cristã. Nessa época a educação não era tratada ainda como prioridades governamentais. Consoante Moura (2011, p.28):

A Educação básica de pessoas jovens e adultas no Brasil teve início no Brasil Colônia pela ação dos jesuítas apoiada pela sociedade civil e pela política, os jesuítas começaram suas atividades docentes em solo brasileiro alfabetizando adolescentes e adultos mais do que crianças sob forte influência do proselitismo religioso. O professor jesuíta recebia uma formação sólida com dupla função, catequizar e educar, resultantes de catorze anos de estudos, dentre os quais dois dedicados aos cuidados da sua própria alma, exercitando as virtudes cristãs e renunciando a si mesmo.

Porém com a expulsão dos jesuítas e chegada da família Real ao Brasil a educação que já não era tão prioritária perdeu novamente espaço.

Após a proclamação da Independência do Brasil em 1822, foi outorgada a primeira constituição brasileira em 1824 e no artigo 179 dela constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”, mesmo a instrução sendo gratuita, não favorecia as classes pobres, pois essas pessoas não tinham acesso à escola, ou seja,

a escola era para todos, porém, infelizmente, era inacessível a quase todos, e ao longo dos séculos houve várias reformas. Soares (2002, p. 8) cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino.

Em 1876, foram divulgadas pelo Ministro do Império José Bento da Cunha Figueiredo as primeiras referências sobre o ensino noturno para adultos apresentando um relatório informando que cerca de 200 mil alunos que frequentavam a escola nesse período, evidenciando sua expansão na época.

A constituição de 1934 não teve êxito, pois na época Getúlio Vargas, o então presidente da república, tornou-se um ditador através do golpe civil e criou um novo regime o qual chamou de "Estado Novo". Sendo assim, cria-se uma nova constituição escrita por Francisco Campos. Ghiraldelli Jr. (2008, p.78) cita que:

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.

A constituição de 1937 foi criada com o objetivo de favorecer o Estado, pois o mesmo tira a sua responsabilidade; uma população sem educação (educação para poucos) torna a sociedade mais suscetível a aceitar tudo que lhe é imposto; minimizando as chances da sociedade reagir ao que está sendo imposto, logo se entende que essa constituição não tinha interesse que o conhecimento crítico se propagasse, mas buscava favorecer o ensino profissionalizante. Naquele momento era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias, mas não formar uma sociedade pensante e crítica.

Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de educação de jovens e adultos, visto a necessidade de aumentar a base eleitoral, pois até então só podiam votar homens alfabetizados. Houve muitas críticas e elogios a essa campanha, pois o objetivo era alfabetizar os analfabetos em apenas três meses, mas a estrutura oferecida era mínima.

Com o fim da primeira campanha, Paulo Freire foi o responsável para desenvolver e organizar um programa nacional para educar jovens e adultos. Ele

propunha que educador e educando interagissem e que fosse criada uma metodologia pensando nas classes populares. Com isso Paulo Freire passou a ser reconhecido por seu empenho na educação de adultos de classes menos favorecidas, mas acabou sendo visto como uma ameaça ao regime militar. Sendo assim a educação de jovens e adultos passa a ser controlada pelo governo. Na época do regime militar, foi criado o MOBRAL que tinha como objetivo principal o ensino do ler/escrever, mas ainda sim passando longe da formação crítica dos alunos. A respeito do MOBRAL, Bello (1993) afirma que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

O MOBRAL acabou no ano de 1985. Mas, em contra partida, foi criada a Fundação EDUCAR e que passou a apoiar as experiências já existentes.

Em 1971, por sua vez, a LDB limitava a obrigação do Estado em oferecer ensino a crianças de 7 a 14 anos, porém já reconhecia a educação de adultos como direito de cidadania. Em 1974, foi implantado o Centro de Estudos Supletivos (CES), que dava oportunidade a população de uma certificação rápida, mas superficial, com um ensino tecnicista e auto instrucional.

Entretanto, pode-se observar que a década de 1980 foi marcada pelo desenvolvimento de projetos e pesquisas na área da alfabetização de adultos. Em 1988, o Estado passou a ampliar o seu dever com a Educação de Jovens e Adultos, que é assegurado por lei de acordo com o artigo 208 da Constituição<sup>1</sup> de 1988, o qual afirma que “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

Em 1985 foi criada a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos mais conhecida como Fundação EDUCAR, ela foi considerada uma continuidade do MOBRAL, passando por mudanças significativas onde foram reformuladas suas diretrizes políticas-pedagógicas. Tendo o objetivo de formar e aperfeiçoar os educadores, a produção do material didático, proporcionar o atendimento para os

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988\\_08.09.2016/art\\_208\\_.asp](https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_208_.asp)>. Acesso em 08 de outubro de 2017.

educandos nas séries iniciais do 1º grau e a avaliação e supervisão do desenvolvimento do trabalho.

No ano de 1990 foi extinta a Fundação EDUCAR sendo assim criado pelo MEC o Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que tinha como objetivo mobilizar a sociedade e o governo e incumbir também os municípios a se engajarem nesta política. Ocorrem parcerias entre ONG's, municípios, universidades, grupos informais, populares, Fóruns estaduais, nacionais e nesse mesmo ano a importância da EJA passou a ser reconhecida em vários países devido às conferências organizadas pela UNESCO.

No ano de 1996 o ensino fundamental para jovens e adultos deixou de ser obrigatório. Através dos Fóruns a partir de 1997 a história da EJA começa a ser registrada no intitulado "Boletim da Ação Educativa". É importante ressaltar que nesta fase da história da Educação brasileira, a EJA possui um foco amplo, e para que haja igualdade social e uma educação eficaz é necessário que todas as áreas da educação sejam focadas e valorizadas. Sendo assim, não é possível separar uma da outra.

Em 2000, o Conselho Nacional de Educação estabeleceu, no Parecer nº 11, (das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos), as funções e as bases legais da EJA fundamentadas na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais. O Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005, institui o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, abrangendo a formação inicial e continuada de trabalhadores e a Educação Profissional Técnica de nível médio.

Os objetivos da educação no Brasil são reformulados, cabendo agora à escola a responsabilidade de formar o jovem/adulto trabalhador. Recentemente, novas iniciativas, como a EJA e o PROEJA, surgiram a fim de garantir metodologias adequadas a população com esse perfil.

Hoje em dia, através dos fóruns, são discutidas medidas e propostas visando melhorias para Educação de Jovens e Adultos, levando em consideração as particularidades dos educandos, vista como uma forma de proporcionar a educação formal a quem não teve oportunidade.

É com o desenvolvimento industrial que a EJA passou a ser um pouco mais valorizada, pois houve a necessidade de formar mão de obra especializada. Com o

surgimento de grandes indústrias, a população da zona rural migrou para os grandes centros urbanos á procura de melhores oportunidades. Com essa migração, vimos surgir também a necessidade de formar esses trabalhadores, contribuindo para a criação de escolas voltadas aos adolescentes e adultos.

### **3. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA**

Sabemos que o conhecimento de línguas estrangeiras tornou-se importantíssimo para desenvolver e ampliar as possibilidades de inclusão e desenvolvimento dos sujeitos sociais nos âmbitos científico e tecnológico existentes. Compreende-se que, por meio disso, podemos exercer nosso papel como cidadãos; sabemos também da necessidade de comunicar-se, compreender, saber buscar informações, interpretá-las e argumentar, mas nem sempre foi assim e essa necessidade por muito tempo foi ignorada.

Atualmente o próprio mercado de trabalho nos cobra isso, além de concluir o ensino básico se faz necessário também o conhecimento de uma língua estrangeira, o inglês é uma língua universal e sendo a mais utilizada na maioria das empresas, os empresários não tem tempo para ainda formar seus funcionários e por isso precisam que eles já cheguem prontos ao mercado de trabalho. E a falta de conhecimento de uma segunda língua já era percebida também por Celani (1996, p.25) que já chamava atenção para a falta que o conhecimento de uma língua estrangeira fazia. Afirma a autora que “[...] enquanto perdurar essa situação, estaremos, sempre, competindo em situação de inferioridade no colégio internacional, no qual, certamente, a língua de comunicação não é o português”.

No âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes, de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de serem parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado (BRASIL, 2000, p. 25).

À medida que aluno vai aprendendo e tendo contato com uma outra língua, ela vai abrindo uma gama de possibilidades para o sujeito, deixando de viver apenas naquela realidade na qual antes com tão pouco conhecimento nem poderia questionar.

”

[ao] aprender uma língua estrangeira [...] eu adquiero procedimentos de construção de significados diferentes daqueles disponíveis na minha língua (e cultura) materna; eu aprendo que há outros dispositivos, além daqueles que me apresenta a língua materna, para construir sentidos, que há outras possibilidades de construção do mundo diferentes daquelas a que o conhecimento de uma única língua me possibilitaria. Nessa perspectiva, quantas mais [...] línguas estrangeiras eu souber, potencialmente maiores serão minhas possibilidades de construir sentidos, entender o mundo e transformá-lo. (JORDÃO, 2004, P.164).

De acordo com os PCN's do Ensino Médio (BRASIL, 2000, p. 25), a Língua Inglesa tem importância como qualquer outra disciplina, pois vai fazer parte da formação do indivíduo, fazendo parte do conjunto indissociável de conhecimentos que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e propiciam sua integração ao mundo globalizado.

O ensino da língua Inglesa na EJA sem dúvida ainda é um grande desafio. A aceitação dessa disciplina na grade curricular da educação básica não foi muito fácil, por muito tempo – e em alguns casos até hoje – a língua inglesa ainda é vista como desnecessária. Com isso, torna-se difícil despertar o interesse dos alunos da EJA. Sabe-se que uma boa parte dos alunos que fazem parte desse programa de ensino já não está mais em idade escolar e alguns são semianalfabetos; outros são trabalhadores que mesmo tendo interesse em concluir o ensino médio tem que aprender a driblar o cansaço diário, a dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas, a desmotivação, a falta de tempo e até mesmo os fatores pessoais que cada um traz consigo. Sendo assim, o ambiente escolar deve proporcionar o ensino da segunda língua de acordo com as necessidades do alunado, vejamos:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996, p. 10).

Enfim, são inúmeros os motivos que podemos apontar como responsáveis pela falta de interesse por essa disciplina, por exemplo, umas das primeiras coisas que alguns alunos da EJA questionam quando se trata da língua inglesa é: “Para que aprender inglês se eu não vou usar para nada?”. Mas o que a maioria não percebe é

que no nosso cotidiano, mesmo sem percebermos, o inglês está presente; ele está lá, naquela palavra que nós usamos, que aprendemos o significado e já aportuguesamos, por exemplo. Está também naquela música que ouvimos e, quando nos damos conta, já estamos cantando também; está numa placa, num aplicativo, num site e até mesmo numa embalagem.

Na contemporaneidade, percebemos que conhecimento de uma segunda língua é fundamental; é praticamente requisito mínimo para adquirir um emprego, ou até mesmo realizarmos tarefas cotidianas, como baixar uma música, enviar um e-mail ou se comunicar por meio de outros veículos que nos mantém conectados com outras pessoas. Entretanto, para que haja um maior interesse é necessário que além de compreender a importância da língua inglesa esse processo de ensino/aprendizagem seja feito de maneira coerente, sempre levando em consideração as particularidades dos alunos, pois “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 16).

O professor tem um papel importantíssimo para que o processo de ensino/aprendizagem ocorra da melhor maneira possível, assim facilitando a convivência do dia a dia no âmbito escolar e o cumprimento dos objetivos para ambos. A preparação do docente é fundamental, pois:

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (BRASIL, 2000a, p. 56).

É necessário um maior preparo do professor, pois essa modalidade de ensino requer uma formação mais específica, onde o docente tenha ciência para saber lidar com as dificuldades próprias da EJA.

#### **4. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE**

O estágio supervisionado é muito importante para a formação do aluno enquanto futuro professor, é através dele que podemos pôr em prática toda a teoria que nos foi apresentada durante anos e ter uma ideia dos desafios que estão por vir. Podemos observar, segundo Pimenta e Lima (2012, p. 43), que:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Sabemos que muito do que nos foi ensinado, muitas vezes não corresponde com a realidade apresentada no âmbito escolar, nas salas de aulas. A formação dada durante um curso de licenciatura é feita de forma generalizada, não levando em conta as particularidades e os desafios que variam de uma escola para outra. Se não tivermos uma mínima noção de como lidar com isso, tornar-nos-emos profissionais possivelmente frustrados, sem habilidade para lidarmos com os problemas do dia a dia.

Para que futuro professor consiga ser um bom profissional é preciso que ele traga consigo, de uma forma geral, um mínimo de conhecimento e habilidades para serem postas em prática, para assim ter sucesso em suas aulas, ele não precisa apenas saber, mas sim saber ensinar, quanto a isso, Tardif postula que:

Para ensinar, o professor deve ser capaz de assimilar uma tradição pedagógica que se manifesta através de hábitos, rotinas e truques do ofício; deve possuir uma competência cultural oriunda da cultura comum e dos saberes cotidianos que partilha com seus alunos; deve ser capaz de argumentar e de defender um ponto de vista; deve ser capaz de se expressar com uma certa autenticidade, diante de seus alunos; deve ser capaz de gerir uma sala de aula de maneira estratégica a fim de atingir objetivos de aprendizagem, conservando sempre a possibilidade de negociar seu papel; deve ser capaz de identificar comportamentos e de modificá-los até certo ponto. O 'saber-ensinar' refere-se, portanto, a uma pluralidade de saberes (2005, p. 178).

O professor deixou de ser visto apenas como aquela figura séria, detentora de todo o conhecimento, muitas vezes inacessível ao aluno fora da sala de aula. Hoje há uma necessidade que ele esteja pronto para lidar com as situações mais adversas que possam vir a surgir, ser um pouco pai/mãe, psicólogo, amigo, embora não seja uma obrigação da profissão em si mas que muitas vezes se faz necessário na sociedade em que vivemos atualmente.

O ensino, atividade característica do professor, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige opções éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflitivas e, por vezes, violentas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à

mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos na sociedade (FRANCO, 2012, p. 15).

Portanto é indiscutível a importância do estágio para a formação do futuro professor, para que aliando a teoria à prática seja mais fácil enfrentar as dificuldades e tornar-se um bom profissional.

Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, p.65).

Sendo assim, observamos que o estágio é o momento, durante a graduação, em que o licenciando tem a oportunidade de não só observar, mas também de colocar em prática o que estudou durante a graduação, onde ele pode vivenciar, ao reforçar ou não, as teorias que tratam sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua no contexto de escolas públicas.

Todo o conjunto de conhecimento constituído ao longo dos anos por parte do graduando, com o auxílio da mediação de seus professores, será experimentado em sala de aula, o que se constitui como parte de sua formação universitária. Sendo assim, a realização do estágio tem como uma de suas funções articular o conhecimento teórico ao empírico para que o discurso entre teoria e prática se torne coerente ao refletirmos não só sobre a prática docente do professor observado, mas também sobre a nossa; se seremos professores mediadores ou se cairemos no mesmo reducionismo que tanto criticamos sobre a prática de nossos antigos professores.

## **5. O ENSINO DO INGLÊS NA EJA: UM OLHAR A PARTIR DO ESTÁGIO DE REGÊNCIA**

O Estágio Supervisionado foi realizado em uma escola estadual de ensino fundamental e médio na cidade de Solânea, nos dias 05 e 06 de abril de 2017 na Educação de Jovens e Adultos. Onde foram ministradas aulas nas turmas Ciclo 1 'A', Ciclo 1 'B', Ciclo 2 'A' e Ciclo 2 'B' da EJA, durante o período noturno.

Esse estágio se fez de extrema importância, pois, através dele, tivemos a chance de conhecer um pouco da realidade que o futuro nos reserva, enquanto futuros professores de Língua Inglesa, e tentar lidar com as situações do cotidiano, como é de fato uma sala de aula, com todos os seus problemas que teremos que enfrentar; e

os momentos de ensino-aprendizagem de forma satisfatória, em que atingiremos os objetivos aos quais nos propomos enquanto professores.

[...] é um educador e, não querendo sê-lo, torna-se um deseducador. Professor/instrutor qualquer um pode ser, dado que é possível ensinar relativamente com o que se sabe; mas professor/educador nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é! (ROMÃO, 2007 apud CORTADA, 2013, p. 05).

Nesse período que passamos ministrando as aulas, tivemos a chance de ver e de ter uma ideia de algumas das dificuldades que estão presentes diariamente na realidade dos professores, e dos alunos também. Infelizmente, como já sabemos, a situação educacional não é tão boa quanto deveria ser, a educação em nosso país está muito longe de ser a ideal e tivemos a certeza disso ao estagiarmos.

O material didático que usamos foi o que nós mesmos trouxemos e elaboramos. Sendo assim, foram utilizados figuras e cartazes que acreditamos que facilitaria a proposta daquelas aulas.

No dia 05 de abril de 2017 às 19h00min fomos à escola, para ministrarmos aulas em algumas turmas da EJA. Ao chegarmos à escola, falamos com o porteiro e entramos. Fomos direcionados a sala do diretor, onde entregamos a documentação para o estágio, em seguida fomos para a sala de aula onde o professor já nos aguardava.

Entramos na sala, o professor nos apresentou à turma do Ciclo 2 'A' e deixou-nos a vontade para, a partir daquele momento, conduzirmos a aula, em que o professor sempre esteve observando-nos de longe. Essa turma era composta de 23 alunos, mas apenas 17 haviam ido para a aula naquele dia.

Começamos expondo o conteúdo, falamos sobre as expressões idiomáticas e demos alguns exemplos. Após isso, perguntamos se houve a compreensão do assunto e os alunos disseram que sim. Sendo assim, em seguida passamos a atividade com figuras e nessas figuras eles tinham que descobrir as expressões idiomáticas das mesmas.

O sinal tocou para a segunda aula e continuamos a atividade. No começo tiveram um pouco de dificuldade para realizar a atividade, mas, depois de ajudarmos na primeira figura, os alunos conseguiram desenvolver bem o exercício aplicado. Eles concluíram a atividade, corrigimos e esperamos tocar para a próxima aula.

Entramos, então, na sala do Ciclo 1 'B', onde foi a terceira aula da noite. Essa turma era composta por 21 alunos, porém só estavam presentes 14. A aula foi sobre as partes do corpo humano em inglês. Foi exibido também um vídeo onde eles puderem conhecer todas as partes externas do corpo humano e, ao final do vídeo, a sala foi dividida em três grupos, distribuimos dicionários e os nomes das partes em inglês e português para que eles colocassem as palavras lado a lado, onde estivemos sempre os auxiliando. Demoraram um pouco para concluir a atividade, depois disso fizemos a correção e logo em seguida o sinal tocou para o intervalo.

Quando tocou o sinal para a quarta aula, fomos para a sala do Ciclo 1 'A'. Essa turma era mais numerosa, por isso eles eram mais agitados e, conseqüentemente, foi mais demorado expor o assunto. Eram 25 alunos, porém só 20 estavam presentes. O assunto foi praticamente o mesmo ministrado na outra turma de Ciclo 1, onde falamos sobre as partes do corpo humano.

Começamos, também, com um vídeo onde foram expostas todas as partes externas do corpo humano. Também dividimos os alunos em três grupos, com os quais fizemos a distribuição dos dicionários e as partes do corpo em inglês, em seguida eles colaram os nomes na figura do corpo humano. Entretanto, tivemos mais dificuldade em concluir a atividade, pois a turma era muito agitada, mas ainda assim concluimos e corrigimos as atividades, sendo a última aula de inglês da noite.

No dia seguinte, 06 de abril, fomos na segunda aula que se iniciava às 19h45min. A turma em que ministramos a aula foi a turma do Ciclo 2 'B', composta por 24 alunos, mas apenas 21 estavam presentes. Decidimos falar sobre os gêneros textuais, sempre explicando/expondo o conteúdo e, em seguida, aplicando a atividade, onde os alunos teriam que escolher um dos gêneros textuais, no caso com o que mais se identificassem, para se comunicar com outro aluno da própria turma.

Tentamos realizar uma aula mais dinâmica, já que seriam as duas aulas naquela turma. Dessa forma, ao término da atividade proposta, fizemos uma brincadeira com distribuição de pirulitos ao final. Ao tocar o sinal, saímos da sala e fomos à diretoria agradecer pela oportunidade de estágio e encerramos ali nos despedindo da escola que nos acolheu muito bem.

A experiência de regência no estágio foi muito importante, através dela pudemos ter uma boa ideia do papel do professor em sala de aula, não apenas na teoria, mas também na prática. Vimos de perto as dificuldades enfrentadas pelos professores e os alunos lidando com suas dificuldades também. Onde a falta de

recursos e falta de interesse (muitas vezes de ambas as partes) andam paralelas. Pudemos obter de perto uma experiência de como é o cotidiano dos professores e o que possivelmente nos aguarda futuramente. Dificuldades oriundas do sistema educacional precário que vem se arrastando durante muito tempo. Pudemos observar algumas das estratégias de ensino usadas pelos professores e o esforço por parte deles para fazer com que os alunos compreendessem os conteúdos ministrados.

Essa experiência serviu para observarmos que a realidade que o professor enfrenta não é tão fácil. Ela exige muito de cada um de nós, às vezes exige mais do que podemos oferecer, mas quando estamos dispostos a fazer o melhor, nós conseguimos. Consoante Moacir Gadotti (2008, p. 02)

A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação.

Encontramos um pouco de dificuldade quanto a data da realização do estágio, porque frequentemente havia eventos educacionais na escola que coincidiam justamente com as datas do estágio.

Vimos muitos pontos positivos, entre eles a interação da maioria das turmas com a professora e que há professores que, apesar de toda a dificuldade e muitas vezes da falta de incentivo, ainda estão dispostos a tentarem fazer o melhor para seguir a sua profissão, e o ofício que lhes foi confiado.

Assim como em tudo há também os pontos negativos, infelizmente a começar pela estrutura e material didático fornecido, que de certa maneira não ajudou muito a ministrar as aulas e também muitos dos alunos chegam lá sem saber praticamente nada em inglês, dificultando o ensino da disciplina.

Nas turmas de EJA que tivemos a oportunidade de estagiar havia uma grande diferença entre os alunos, a começar pela faixa etária, que variava muito a partir dos 17 até 60 anos. A maioria dos alunos mais novos estavam ali pois optaram por trabalhar durante o dia e com isso estudar a noite, já os mais velhos estavam estudando na EJA por falta de oportunidade de estudar quando eram jovens. Sabemos que outrora muitas pessoas abandonavam os estudos para trabalhar, principalmente os mais humildes. Geralmente os homens casavam-se e aí precisavam trabalhar e no caso das mulheres cuidar da casa e dos filhos, durante muito tempo

essa foi a realidade, inclusive vivida por muitos dos nossos pais e avós. Mas, mesmo assim, alguns deles com seus netos já criados decidiram voltar a estudar.

Havia também algumas mães de família, que por engravidarem cedo acabaram abandonando a escola, porém estavam buscando recuperar o tempo perdido; e ainda uma parte dos alunos que estavam estudando na EJA pelo simples fato de acharem que era mais fácil serem aprovados do que se estivessem no ensino regular. Em cada sala de aula, em cada escola do nosso país, cada um traz um motivo de estar na estudando na EJA ao invés do ensino regular, porém destacam-se três deles:

Psicológicos: referentes a fatores cognitivos e psicoemocionais dos alunos (BRASIL, 2006);

Socioculturais: relativos ao contexto social do aluno e as características de sua família. (OLIVEIRA, 2001);

Institucionais: baseadas na escola, tal como, métodos de ensino inapropriados, currículo e as políticas públicas para a educação (AQUINO, 1997).

Como geralmente acontece, havia os alunos mais interessados e os mais desinteressados, os grupinhos de alunos que gostam de sentar no fundo da sala de aula para conversar e os que sentavam mais à frente, onde pudemos observar que esses que sentavam mais na frente sempre eram os mais interessados.

As atividades propostas foram bem aceitas por parte dos alunos; alguns tiveram mais facilidade em realizá-las e outros não, mas buscamos da melhor maneira sanar as dúvidas e dar prosseguimento as aulas.

Outra coisa que nos chamou a atenção foi a dificuldade com relação ao horário de chegada e saída dos alunos das aulas, pois eles não tinham muita pontualidade no horário de chegada e alguns sempre queriam sair antes do término das aulas.

Ao final do estágio, levamos aprendizado e um pouco de cada aluno conosco, cientes, é claro, das grandes dificuldades que ainda vivem os professores em sala de aula, mas também o otimismo que fica junto com a sensação de dever cumprido.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo diante de todas dificuldades que envolvem ensinar a língua Inglesa na EJA, concluímos que é possível fazer desse processo algo bom e produtivo, levando sempre em consideração que para haver sucesso é necessário a compreensão e a

contribuição mútua, de ambas as partes, aluno e professor, mas sem ausentar o papel da escola nesse processo.

Também é preciso destacar que a didática utilizada em sala de aula, os recursos tecnológicos bem como a postura do professor em sala de aula fazem toda a diferença, é necessário que esse profissional esteja preparado para os desafios que tendem a surgir, daí destaca-se a importância do estágio supervisionado, que é onde o aluno tem a chance de ter uma experiência, ora observando ora ensinando.

E finalizando, mas não menos importante, destacamos a necessidade do professor levar em conta o perfil do aluno da EJA, que muitas vezes precisa de uma atenção especial, onde muitos são pessoas que passam ou passaram por muitas situações difíceis na vida e que buscam nessa modalidade de ensino uma possível mudança de vida, uma nova chance, um novo recomeço.

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze the Foreign Language teaching in the Young and Adults Education (EJA<sup>2</sup>), focusing on the English Language, its importance and its relation with the training of English Language Teachers through the practice of teaching through supervised internship. The historical context of EJA in Brazil will deliberate from its inception to the present day. We will even raise a brief discussion about the Supervised Internship and its importance for teacher training, which will lead us to reflect on the classes held with the purpose of evaluating the teaching-learning process of English Language in EJA, as well as the profile of students and what led them to choose this type of teaching. To the accomplishment of this study we chose for the use of a qualitative research, and also of a bibliographic review using the contributions of Celani (1996), Fávero (1992), Franco (2012), Ghiraldelli Jr. (2008), Moura (2011), Soares (2002) and Tardif (2005) which will be developed in this article.

**Keywords:** Teaching. English Language. EJA. Supervised internship.

---

<sup>2</sup> Sigla da modalidade de ensino voltada ao Ensino de Jovens e Adultos, onde optamos por sua não tradução, haja vista que se trata da rubrica de uma modalidade de ensino instituída nacionalmente.

## REFERÊNCIAS

- BELLO, J. L. D. P. **Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL):** História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória, 1993. Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html> >. Acesso em: 13 out. 2017.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA.** Brasília: CNE/CEB, Parecer 11/2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96.** Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Alunas e alunos da EJA.** Brasília: Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias.** Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, p. 25. 1999.
- CELANI, M. Antonieta A. A integração político-econômica do final do milênio e o ensino de língua(s) estrangeira(s) no 1º. e 2º. Graus. In: ABRALIN. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística.** v. 1. Maceió: Imprensa Universitária, 1996.
- Cortada, S. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos e seus Diferentes Contextos.** São Paulo: Paco, 2013
- FÁVERO, Maria L.A. **Universidade e estágio curricular:** subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.) Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992. p.53-71.
- FRANCO, Maria Amélia do R. S. **Pedagogia e prática docente.** São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à Prática Educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GADOTTI, M. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- GADOTTI, M. **Reinventando Paulo Freire no Século 21.** São Paulo: Livraria e Instituto Paulo Freire, 2008.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da Educação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- JORDÃO, C. M. A. **Língua estrangeira na formação do indivíduo.** Curitiba: UFPR, 2004

MOURA, T. M. M. **A Prática Pedagógica de Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreira e Vygotsky**. Maceió: EDUFAL, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 15-44.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, L. J. G. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural. AQUINO, J. G. (Org.). In: **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 45-62.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.